

Hoje, a palavra dos credores

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Os brasileiros vão tranquilos, até otimistas, para a nova rodada de negociações da dívida, hoje, em Nova York. Os banqueiros dos Estados Unidos dividem-se entre desapontados, conformados e nervosos, enquanto os europeus, especialmente os franceses, mostram-se duros, inflexíveis. E o governo americano tem-se revelado simpático.

(As notícias de que hoje poderá ocorrer um rompimento nas negociações, e ainda o corte dos quase US\$ 15 bilhões das linhas comerciais e interbancárias de curto prazo, publicadas por dois jornais brasileiros, foram classificadas como "falsas" por alguns dos banqueiros do comitê de bancos credores. O mais furioso com o plano brasileiro, entre eles, confirmou que houve uma reunião na quarta-feira, mas nela "não se fez votação" e "nem se tomaram medidas conjuntas sobre as linhas de curto prazo", lembrando que "ninguém quer romper um diálogo no momento em que está sendo reiniciado". Entre os negociadores brasileiros, as notícias provocaram estranheza e comentários irônicos.)

O que esperar deste encontro antecipado. "A batalha de Washington" — que a comunidade financeira

européia não sabe se será travada em Nova York? Ou que os negociadores brasileiros vêem como apenas mais um de uma longa série, marcando até passagens para o voo da noite para o Rio de Janeiro?

"Que não se espere nenhuma decisão neste encontro", dizia ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que estará representando o Brasil, com o assessor Fernão Bracher, diante do comitê de 14 bancos que representa mais de 600 outros credores, e de possíveis observadores do FMI, Banco Mundial, Departamentos do Tesouro e do Estado norte-americanos, e até do Ministério de Finanças do Japão, como aconteceu na última reunião, há uma semana, que durou sete horas.

Uma contraproposta da comunidade financeira internacional? Foi o que prometeu o presidente do Citicorp/Citibank, John Reed, durante um coquetel aos participantes da reunião anual do FMI/Banco Mundial, nesta semana. Os banqueiros, insatisfeitos com as propostas deliberadamente vagas feitas pelo Brasil, sugerirão outras, também gerais. "Claro que eles vão apresentar uma contraproposta", admitiu o ministro Bresser Pereira em Washington, antes de partir para o Brasil.

"Os bancos vão concentrar-se em dois objetivos práticos: pedirão um pagamento simbólico dos juros suspensos desde fevereiro, o que os

livrará de um problema imediato de reclassificação da dívida brasileira, e o apressamento do programa de conversão da dívida. Eles já estão conformados com o prejuízo que terão, e só querem mantê-lo no nível mais baixo possível, ao longo do tempo" — contava, ontem, um banqueiro de Nova York.

Um outro explicou que "O Brasil está pedindo dinheiro demais US\$ 10,4 bilhões, com juros abaixo dos cobrados no mercado, e com um prazo muito vago", acrescentando: "Isto é um absurdo"

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, confrontado com reações desse tipo, explicava ontem: "Acredito que os bancos possam ter sido levados a acreditar que a proposta teria elementos muito difíceis, e o que nós verificamos é que somente agora os bancos estão compreendendo". Para ele, não se deve esperar "nenhuma" decisão para hoje.

Milliet, que foi quem apresentou o plano brasileiro, na primeira reunião, não descarta a possibilidade de que possa ocorrer um acordo parcial, ou mais de um, até um final, durante as sucessivas reuniões que dividirá com o assessor especial Fernão Bracher. Também não afasta a idéia de que o Brasil venha a fazer um pagamento simbólico aos bancos, até o dia 26 de outubro, "desde que as negociações avancem".